

Discurso de posse como sócio efetivo no Instituto do Ceará

JOSÉ FILOMENO DE MORAES FILHO^(*)

Permitam-me que, calorosa e emocionadamente, minhas primeiras palavras sejam dirigidas às caras e caros Consócios, para agradecer-lhes a deliberação de me acolherem no quadro de sócios efetivos deste Instituto do Ceará, instituição cultural que encerra, concomitantemente, tradição e realização.

Surgido em 1887, em momento de grande efervescência, criatividade e entusiasmo cultural no estado do Ceará - pela inspiração de uma plêiade de intelectuais, na sua grande maioria militantes da campanha abolicionista - proclamo, com reverência, os nomes dos “pais fundadores” deste Instituto, a saber, Guilherme Studart, Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Antônio Bezerra de Menezes, Joaquim de Oliveira Catunda, João Batista Perdigão de Oliveira, Júlio César da Fonseca Filho, Padre João Augusto da Frota, Antônio Augusto de Vasconcelos, José Sombra, Virgílio Brígido, Virgílio Augusto de Moraes e Juvenal Galeno da Costa e Silva. Sobre os fundadores do Instituto do Ceará e sobre o papel que, desde a sua fundação, exerceu o mesmo no contexto estadual, aplicam-se, *mutatis mutandi*, as palavras do prof. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, quando, dissertando sobre o pensamento brasileiro de clássicos cearenses, relembra as Escrituras: “o Espírito sopra onde quer”. Pois, “como foi possível que de uma das províncias menores e mais pobres do continente-brasil, quase toda ela fazendo parte do imenso mediterrâneo semi-árido do país, tenham surgido alguns dos espíritos mais luminosos que nossa inteligência já conheceu?”.

^(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Pela dimensão dos seus membros, das suas realizações e do seu papel na cultura cearense, o Instituto do Ceará tem lugar de destaque entre as instituições congêneres de todo o País, e pertencer aos seus quadros constitui honraria invejável que, com certeza, excede, de muito, as maiores expectativas que almejei, para mim, de reconhecimento intelectual. Consintam-me confessar que, também, como “um adolescente espantado e curioso”, em algumas vezes que vim ao Instituto do Ceará, antes de qualquer veleidade de pertencer-lhe aos quadros, desfrutei daquela mesma sensação de que dá conta Machado de Assis, lembrando os senadores do Império, que conheceu como jornalista: “Achava-lhes uma feição particular, metade militante, metade triunfante, um pouco de homens, outro de instituição”.

Tal qual o cronista de “O Velho Senado” também sinto agora, com responsabilidade ciclópica, tornar-me também um pouco de homem, outro de instituição, ao ser recebido, como um dos seus, neste templo de sacerdotes dedicados ao estudo e à difusão da História, da Geografia, da Antropologia e das ciências correlatas, especialmente no que se refere ao estado do Ceará.

Refletindo sobre o papel do Instituto do Ceará e sobre a sua responsabilidade social, lembro Vieira, quando, no Sermão de Quarta-Feira de Cinzas, no ano de 1672, perorava acerca da dialética entre passado, presente e futuro:

Se quereis ver o futuro, lede as histórias, e olhai para o passado: se quereis ver o passado, lede as profecias, e olhai para o futuro. E quem quiser ver o presente para onde há de olhar? Não o disse Salomão, mas eu o direi. Digo que olhe juntamente para um e para outro espelho. Olhai para o passado e para o futuro, e vereis o presente. (...).

Pois, completa o pregador da Igreja de Santo Antonio dos Portugueses, em Roma, em 1672:

A razão ou conseqüência é manifesta. Se no passado se vê o futuro, e no futuro se vê o passado, segue-se que no passado e no futuro se vê o presente, porque o presente é o futuro do passado e o mesmo presente é o passado do futuro.

De fato, o Instituto do Ceará, ao permitir que se traga à tona no momento presente as experiências espirituais acumuladas ao longo de tantos momentos passados, ajuda benfazejamente a realizar a proclamação de T. S. Eliot, segundo a qual “somente através do tempo é o tempo conquistado”.

Senhoras e Senhores Consócios,

A partir de hoje, também passarei, pela vossa generosidade sem par, a dividir a minha vida e o meu tempo com esta Casa de homens e mulheres eminentes, as primícias da cultura cearense. Evidentemente, cumpro tal missão como um *homem sem qualidades*, lembrando Robert Musil, mas não como um *homme révolté*, lembrando Albert Camus. Digo-lhes que, a rigor, se me fosse dado ter um modelo de vida, gostaria de realizar aquele tracejado por Maupertuis, na Academia Real de Ciências de Berlim, retratando o que fora o *homem* Montesquieu, um dos pensadores políticos que, na minha faina de professor de Política e de Direito, tenho sempre comigo:

Sempre inclinado à brandura e à humanidade, receava mudanças das quais os maiores gênios nem sempre podem prever as conseqüências. Esse espírito de moderação, com o qual via as coisas na calma de seu gabinete, aplicava-o a tudo e conservava-o no tumulto da sociedade e no ardor das conversações. Encontrava-se sempre o mesmo homem com todos os tons. Parecia então ainda mais maravilhoso do que em suas obras: simples, profundo, sublime, encantava, instruía e nunca ofendia....

Quiseram os fados que o meu ingresso nesta instituição centenária fosse para ocupar a cadeira vaga com o desaparecimento de Geraldo da Silva Nobre. Nisto os fados bons me elegeram, pois o meu elogio – que por força regimental – tenho de realizar no que concerne ao meu antecessor transcende a mera formalidade e mergulha, fundo, na admiração e no respeito intelectual pela figura de Geraldo da Silva Nobre, o jornalista, o historiador, o professor universitário, o pensador do universal com os

olhos plantados no Ceará e na sua gente, que mereceu e merece, de mim e de todo o estado do Ceará, o mais elevado apreço.

Figura maior se tornaria aquele menino Geraldo, nascido em 1924, na Vila Juazeiro de Baixo, no município de Morada Nova. Dois aspectos do seu labor plural, destaco. A uma, deu passos largos para que a tradição cearense do jornalismo se afirmasse mais e mais. A atividade jornalística, iniciada, entre nós, no ano de 1824, com a publicação do *Diário do Governo*, sob a direção do padre Gonçalo Inácio de Albuquerque Mororó, acabou por encontrar em Geraldo da Silva Nobre, na segunda metade do século passado, um dos seus melhores profissionais, um dos seus mais persistentes incentivadores e um dos mais destacados dos seus consolidadores.

A duas, foi um dos gigantes da historiografia cearense. A propósito, colho o depoimento de Rubens de Azevedo sobre o historiador Geraldo da Silva Nobre:

Foi uma das personalidades mais fortes da intelectualidade contemporânea, pela independência e firmeza de atitudes inabaláveis, nas convicções e extremamente dedicado ao trabalho, salientando-se como historiador, pela pesquisa nas fontes primárias, de acordo com as quais tenta chegar a conclusões próprias.

No mesmo diapásão, aclama João Alfredo de Souza Montenegro:

Durante cinqüenta anos, ele deu testemunho de uma historiografia correta, que apanhou todo o legado do Ceará colonial. A historiografia do mestre Geraldo trouxe para o Ceará o que haveria de mais interessante das raízes para o povo cearense. Foi um homem totalmente dedicado aos estudos.

Por oportuno, recolhe-se do parecer da Comissão de Verificação, datado de 1º de agosto de 1968 e encabeçado por Manuel do Nascimento Fernandes Távora, quando do seu ingresso neste Instituto, esta síntese feliz do que, então, já era Geraldo da Silva Nobre. Veja-se:

Demonstrando sempre muita erudição em seus escritos, o Dr. Geraldo da Silva Nobre, moço *ainda*, pode trazer ao Instituto

uma valiosa colaboração, contribuindo para que se mantenha sempre acesa a chama que os componentes da veneranda instituição procuram transmitir de geração a geração e representativa do amor ao nosso passado ilustre e do carinho que realmente merecem os fatos e os homens que tanto engrandecem e honram a nossa história.

Senhoras e Senhores Consócios,

Espero de V. Exas., mais uma vez, prodigalidade, pois o novo ocupante da cadeira não é o poliedro intelectual – historiador, jornalista e professor universitário, sempre exemplar e profícuo – que foi Geraldo da Silva Nobre.

Entre as emoções que me avassalam nesta hora, relembro João Cabral de Melo Neto, nas suas “Dúvidas apócrifas de Mariane Moore”:

Sempre evitei falar de mim,
falar-me. Quis falar de coisas.
Mas na seleção dessas coisas
não haverá um falar de mim?

Não sei se se considerará descabido que deixe as coisas e os fatos, os grandes feitos e os grandes homens, e fale um pouco de mim. Autorizem-me algumas confidências, neste dia em que sou grandemente homenageado, quer pelo meu ingresso no Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), quer pela presença que me sensibiliza de tantas pessoas amigas presentes nesta sessão de posse. Refiro-me fundamentalmente ao apego pela História, que me acompanha desde tenra idade, e que, no meu interior, compete com o estudo da Política e do Direito Político.

Comecei ainda em Chaval a minha cidade natal, abraçada pelo Timonha e pelo Ubatuba, os rios da minha aldeia. Primeiro, a história do Brasil contada por meu avô (aliás, como disse Manuel Bandeira, “A casa de meu avô... /Nunca pensei que ela acabasse! Tudo lá parecia impregnado de eternidade”), o descobrimento, os missionários, a guerra da Independência e a Guerra do Paraguai, e

também as histórias sobre coronéis e seus jagunços, eleições a bico-de-pena, atas eleitorais transportadas nos seios de senhoras, acordos políticos firmados e honrados com o aval simples da palavra dada, insurreições, revoluções... Depois, livros didáticos de História do Brasil e História da América e, sobretudo, a *História Universal* de Cesare Cantù, que o hoje monsenhor Odilon Marinho de Pinho – cujo perfil já foi bosquejado pelo eminente consócio Marcelo Caracas Linhares – então um cura desterrado naquelas lonjuras proveu e que preencheram parte da minha adolescência.

Com Cantù, acompanhei os fastos da criação do mundo e do início da civilização, o desenvolvimento dos mesopotâmios e egípcios, judeus, gregos e persas, Homero e Virgílio, Tucídides e Heródoto, Aristóteles e Alexandre. Mergulhei nas misérias e grandezas dos imperadores romanos do Ocidente e do Oriente, na saga de Carlos Magno, na crônica dos papas e cheguei até a Revolução Francesa. Confesso, também, que ainda hoje, com algum treino profissional em busca da objetividade que deve encarcerar o cientista, muito dos fatos tenho-os em mente numa confusão grande entre realidade e fantasia e cumpre muita vez realizar esforço alentado para observá-los de acordo com os cânones da metodologia científica.

Quando defendi a minha dissertação de mestrado no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, fiquei ao largo da dissensão entre dois membros da banca – os cientistas políticos Olavo Brasil de Lima Jr., o orientador, e Eli Diniz – sobre o necessário contexto histórico em que os partidos se desenvolviam. Quando apresentava a minha tese de livre-docência, sobre o princípio constitucional da separação dos poderes do Estado no Brasil, um dos membros da banca examinadora, o meu professor Agamenon Bezerra provocou-me, entre os seus judiciosos questionamentos, se o trabalho era Ciência Política ou História Constitucional. Em ambas as situações, ressaltei a minha convicção de que o fenômeno político e o fenômeno político-constitucional não podem ser entendidos sem a História e que a Historiografia muitas vezes pode ser Ciência Política.

In omnibus requiem quaesivi, et nusquam invent nisi in angulo cum libro, repete Umberto Eco, na introdução (“Um Manuscrito, Naturalmente”) de *O Nome da Rosa*. Passar a vida com um livro na mão... Tomando de empréstimo expressões do cantor dos lusíadas, vim a ver que “este bicho da terra tão pequeno” tinha de dividir tal impulso, inclusive, com “tanta necessidade avorrecida”. Nunca pude me dedicar totalmente à teoria, tive, por imposição da fortuna, sempre que dividir os jardins de Academos com a vida prática, a atividade de professor e pesquisador universitário com as tarefas de consultor jurídico e advogado público e, agora, com o exercício, embora temporário, da magistratura eleitoral.

Nunca pude dedicar-me, com dedicação exclusiva e tempo integral, à “ciência como vocação”. Tenho-a dividida com atividades práticas, e, talvez por isto mesmo, tenha a intuição já proclamada por Goethe, por meio de Mefistófeles, que cinzenta é toda a teoria e verde, a árvore da vida.

Não devo concluir estas palavras despretensiosas sem externar o meu mais comovido agradecimento a tantos pelo tanto que fizeram, voluntária ou involuntariamente, para que acontecesse hoje o meu o ingresso nesta tão notável entidade cultural que é o Instituto do Ceará. São muitos e impossível seria nominar a todos, pois já trilho há algum tempo o caminho, espinhoso e florido, da vida e, na caminhada, não tenho sido um solitário. Do fundo da memória, em camadas sucessivas, retiro ancestrais, amigos e mestres, alguns mais próximos, outros que as circunstâncias afastaram, muitos aqui presentes. Também carrego a minha “legião de mortos”, meu avô, meu pai, entre tantos.

Agradecido me confesso às amigas e aos amigos que aqui acorreram, homenageando a todos em três pessoas: um mestre, um condiscípulo e um discípulo (que já se tornou maior do que o professor), respectivamente, Paulo Bonavides, Fernando Ximenes e Martonio Mont’Alverne Barreto Lima. Em nome dos três, expresso – às autoridades, aos meus familiares, às muitas e muitos amigos e colegas – a minha profunda honra e a minha inestimável alegria de tê-los todos aqui nesta tarde/noite quase pré-natalina. Sou gratificado por tudo o que por mim fazem e por tudo o que para mim são.

Manifesto minha gratidão aos três eminentes mestres e amigos - Paulo Bonavides, José Aroldo Cavalcanti Mota e Eduardo de Castro Bezerra Neto – que propuseram o meu humilde nome para ocupar a cadeira deixada por Geraldo da Silva Nobre.

Expresso o meu reconhecimento à Diretoria do Instituto do Ceará, especialmente nas pessoas do jornalista-escritor Manuel Eduardo Pinheiro Campos e Francisco Fernando Saraiva Câmara, Paulo Ayrton Araújo e Valdelice Carneiro Girão, pela delicadeza e pela elegância, com palavras e atitudes gentis, com que sempre me trataram.

As palavras com que o consócio Marcelo Linhares me recebeu nesta tarde, que certamente se parcializaram profundamente pelo vínculo da amizade que nos une, calam em mim profundamente.

Agradeço, de igual modo, às consócias e aos consócios, tanto aos que sufragaram o meu nome como aos que preferiram o meu competidor, um intelectual renomeado.

Ao eminente consócio deputado Mauro Benevides, agradeço, além de diversas manifestações de seu apreço, a gentileza de ter feito ecoar na Câmara dos Deputados a realização desta sessão solene de posse e, assim, tornar grande este pequeno ocupante da cadeira de Geraldo da Silva Nobre.

A vida nos envolve num conjunto de relações, algumas buscadas, outras que nos vêm pelos acasos felizes, e de todas se fica tributário de uma dívida imensa e impagável. Sou profundamente obrigado às instituições a que estou ligado profissionalmente, a Universidade de Fortaleza, a Procuradoria Geral do Estado, a Universidade Estadual do Ceará e o Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Ceará. E, também, as instituições que me acolhem e que me valorizam sobremodo, a Ordem dos Advogados do Brasil – Secção do Ceará, o Rotary Clube de Fortaleza, o Instituto dos Advogados do Ceará, a Comissão Brasileira de Justiça e Paz – Secção do Ceará, a Academia Cearense de Ciências Sociais, o Conselho Diretor da Revista Latino-americana de Estudos Constitucionais.

A minha mulher, Goretti, e aos nossos filhos, Bernardo, Maria de Fátima e Tomás, também digo, tomando de empréstimo mais palavras do velho escritor do Cosme Velho, na belíssima

cidade do Rio de Janeiro, que, “apesar de toda a humana lida”, eles fazem a minha existência apeteçada e num recanto põem o mundo inteiro.

Sr. Presidente, Senhoras e Senhores Consócios, minhas Senhoras e meus Senhores,

Na presença simbólica de Geraldo da Silva Nobre, na vossa presença, Senhor Presidente e Consócios, e na presença deste público de amigos, assumo o solene compromisso de bem seguir as tradições do Instituto do Ceará e dar o melhor de mim, dentro das minhas pequenas possibilidades, para o estudo e a difusão científica a que secularmente se propõe, especialmente levando em conta o estado do Ceará.